

Notas e informações

A quem se deve a crise?

Nos últimos dias, muitas declarações e entrevistas, fundamentadas em argumentos irresponsáveis, têm revelando com clareza meridiana a extensão dos danos causados à economia pelo grupo de amadores a que foi confiada desde agosto de 1985. A verdade é que, em menos de dois anos, se chegou à situação deplorável que aí está, à vista de todos, salvo daqueles que teimam em atribuir ao poder da vontade o condão de modificar os fatos ou julgam que a força do pensamento haverá de disparar a economia. As reservas cambiais foram dilapidadas irresponsavelmente, até mesmo, por exemplo, para que se despendessem dólares preciosos com a compra de tampinhas de garrafas e aparas de papel! De cerca de sete bilhões de dólares que constituíam o *cacife* para a negociação da dívida externa e do juro que ela impõe, quanto resta? Se houver dois bilhões de dólares, será demais. Depois de um demagógico congelamento de preços, a inflação retorna, ovante, carregada, sim, de *gatilhos* de tensão social... Da correção monetária dizia-se o diabo. No entanto, não está ela entronizada novamente por quantos a abominavam? Os reflexos da *moratória técnica* e da aguda desvalorização monetária acabam de abrir portas a uma recessão cuja gravidade não é lícito subestimar.

Não há plano algum a seguir para tentar debelar a crise. Vive-se o dia-a-dia de um presente dramático que nada mais é do que o vestibulo do caos. Evidentemente, há que identificar os responsáveis por esse estado de coisas precursor de um amanhã tão sombrio. E não se precisa de esforço de alta investigação para dar nomes aos aprendizes de feiticeiro que começaram, não somente uma, porém as muitas mágicas que não deram certo. Agora, en-

treolhando-se, perplexos, não lhes passa pela cabeça como paralisar os efeitos nocivos delas. Urge *carimbá-los* para que ostentem o rótulo do malogro a que expuseram o País, condenando o povo, bom e indefeso, sempre propenso a acreditar e esperar, à expectativa dolorosa em que se encontra e ao sofrimento de que se avizinha em linha reta. Essa tarefa de identificação dos titulares da desgraça torna-se indispensável por duas razões básicas. Primeira: apontá-los ao julgamento da opinião pública implica *arquivá-los* por tempo suficiente a que não voltem à tona para repetir as *proezas* que praticaram. Valha-nos Deus! Segunda: impedir que, quando saírem às carreiras, evitando que a estrutura da economia *de araque* que armaram desabe sobre suas cabeças, vitimando-os, encontrem *bodes expiatórios* aptos a ajudá-los a, mediante técnicas aprimoradas de propaganda, inocentá-los aos olhos dos brasileiros.

É imprescindível pôr os pingos nos *ii* e fazer ver a todos que a destruição da economia é obra maléfica desses sérios ou severos amadores capazes de bater-se pelo capitalismo sem mercado e pelo socialismo sem planejamento, *bolados* sem maiores compromissos com a realidade, na Unicamp e também na PUC-Rio. E, mais, mostrar que os males que eles deixam atrás de si não decorrem de nenhuma conspiração urdida *lá fora* para perseguir o Brasil, mas emergem pura e simplesmente da falta de competência com que se conduziram. Há indícios de que estejam os unicampistas, os que ficaram, arrumando gavetas e rasgando papéis para não ter de administrar a massa falida que criaram? Pois bem, se for assim, é dever de quem o possa

denunciar que o País ainda tem vergonha e não se deixaria dobrar a exigências insólitas para que fossem dispensados ministros e assessores todopoderosos, ainda que autores das fórmulas da falência e apegados a elas até a undécima hora. Não. Se eles forem embora não será por causa da exigência de credores, sejam quais forem, estejam onde estiverem. Retirando-se, caso venham de fato a prestar esse serviço à Nação, o farão por incapacidade — por falta de conhecimento dos fatos e das leis da economia, por má avaliação, tendenciosa, das regras do mercado, por *cumplicidade* com os principais fatores que geram a inflação, a começar pelo déficit público. Enfim, pelo descaso soberano às críticas que lhes foram dirigidas e que, ora se prova, eram de todo procedentes.

Ficaria para etapa posterior o inventário das afirmações levianas e infundadas desse grupo amador, desmentidas sistematicamente por tudo o que ocorreu ao contrário das previsões cor-de-rosa a que se entregaram os que compuseram o quadro das *autoridades fazendárias e planejadoras* nos últimos 19 meses — período suficiente para que se comportassem, no exercício do poder, como macaco em loja de louça, e atirassem o País aos terríveis impasses com que se defronta. Esse inventário se justifica porque o Brasil se tornou bastante surrealista para que surja na praça quem queira prestigiar os mágicos, na doce ilusão de que podem, enfim, acertar o chute para o gol. Não podem. Não são do ramo e estão fadados a terminar a aventura a que se entregaram, voltando para casa. Mas que voltem, para bem do povo, sob a reprovação geral — identificados e responsabilizados.